

# GIRO UFG



**CORPOS INFORMÁTICOS**  
ação performática

**Corpos Informáticos na  
Galeria da FAV**



**Perro Loco mais  
uma vez!**



**Conheça o planetário da  
Universidade**



**10 anos de Doutores da  
Bola na Universitária**

**Doutores  
da  
Bola**

## Entenda o projeto...

O GIRO UFG surgiu a partir de um projeto de conclusão de curso de três acadêmicos de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás. O princípio do projeto se deu a partir da constatação de que há um parco conhecimento da programação da TV UFG e mesmo da sua existência por parte de pessoas que possuem vínculo com a Universidade. Por meio de um estudo teórico acerca do conceito fundamental de Jornalismo Multimídia, constatou-se que esse tipo de projeto seria capaz de amenizar essa realidade.

Por se caracterizar como um objeto de estudo extremamente recente, o conceito de Jornalismo Multimídia ainda não ganhou uma definição considerada unânime entre os estudiosos. Entretanto, entende-se, neste projeto, que Jornalismo Multimídia é uma tendência do mercado da comunicação e caracteriza-se pela convergência e integração de diferentes mídias. Essa modalidade ganhou forças com o advento da internet, contudo, ao contrário do webjornalismo, o Jornalismo Multimídia é capaz de sobreviver fora da rede.

A partir do entendimento daquilo que, possivelmente, é o Jornalismo Multimídia, pensou-se em executar sua teoria. O projeto compõe-se de três mídias fundamentais: um site, essa revista e interprogramas. Todas as mídias foram desenvolvidas de maneira integrada e o público-alvo definido foram os estudantes, professores, servidores e demais funcionários da Universidade Federal de Goiás. Entende-se que a integração das mídias que compõem o projeto é capaz de contribuir para a divulgação da TV UFG.

Procurou-se explorar, ao máximo, as potencialidades específicas de cada meio. Os interprogramas são os norteadores das pautas que farão parte das outras mídias. O site está “recheado” de hiperlinks, imagens, vídeos, textos, etc. A revista funciona como um informativo e sua distribuição é gratuita. O principal objetivo dessa mídia é fazer com que o GIRO chegue aqueles que, eventualmente, ainda não possuem acesso à internet. É uma forma prática e palpável de divulgar e distribuir a informação.

A intenção de promover a TV UFG não se resume a uma medida publicitária, de apelo imediato, surgindo esporádica. O intuito aqui é o da construção de um meio permanente e continuado, amparado em recursos fornecidos pelo Jornalismo, e que se configure como canal de aprendizagem. Dessa maneira, este trabalho almeja um futuro sustentado por mãos universitárias, transformando-se em um Projeto de Extensão do curso de jornalismo da Faculdade de Comunicação da UFG, garantindo não apenas sua sobrevivência, mas, especialmente, a oportunidade de muitos estudantes vivenciarem a rotina peculiar a uma redação multimídia.

Você encontra mais informações sobre o projeto no site [www.ufg.br/giroufg](http://www.ufg.br/giroufg).

## Aqui você encontra...

... mais uma opção de diversão e conhecimento que a UFG oferece para você, o Planetário!

... como funciona o trabalho dentro da equipe Doutores da Bola, da Rádio Universitária!

... tudo sobre a quarta edição do Perro Loco, Festival de Cinema Latino Americano!

... mais uma exposição performática da Faculdade de Artes Visuais!

## Expediente

Universidade Federal de Goiás  
Reitor: Edward Madureira

Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia  
Diretor: Magno Medeiros  
Coordenador de Jornalismo: Juarez Maia

**Editor geral:**

Lorena Ribeiro  
Luana Teles  
Renato Dantas

**Diagramação e projeto gráfico:**

Lorena Ribeiro  
Luana Teles  
Renato Dantas

**Colaboradores:**

Luiz Antônio Signates Freitas

**Orientação de Projeto:**

Ana Carolina P. R. Temer

**Fotografia:**

Lorena Ribeiro  
Luana Teles  
Renato Dantas

**Jornalistas responsáveis:**

Lorena Ribeiro  
Luana Teles  
Renato Dantas

## Mais perto do céu

*Em 2010 o Planetário da UFG completa 40 anos. Na era dos projetores digitais, o aparelho se destaca por reproduzir imagens do céu bem próximas da realidade*

Na sala de projeção, a luz se esconde. Em meio à escuridão, olhos atentos à cúpula onde são reproduzidas imagens do céu e do sistema solar. Uma pequena história narra as aventuras de um garoto astronauta. Estrelas, cometas, planetas. O público assiste à aparição de milhares de corpos celestes no espaço. Assim tem início mais uma sessão do Planetário da Universidade Federal de Goiás (UFG), que em 2010 completa 40 anos.

Quando chegou a Goiás no início da década de 70, o aparelho causou surpresa: a maioria das pessoas acreditavam que o objeto, que na época custara 1,2 milhão de dólares, era na verdade um novo brinquedo do Parque Mutirama.

Com o passar do tempo, elas se acostumaram com a atração, capaz de projetar o céu visto de qualquer lugar no mundo.

Há exatos 40 anos, o professor de Cosmografia José Ubiratan de Moura, fez o pedido de um equipamento chamado telúrio ao MEC. O telúrio é um tipo de planetário pequeno no qual se

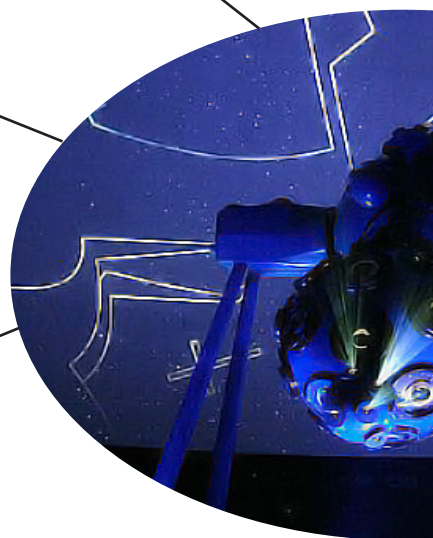
simula o movimento da Terra em torno do Sol. Em função de um engano do governo federal na compreensão do pedido, Goiânia foi uma das primeiras cidades escolhida para receber o planetário alemão Zeiss Jena Spacemaster.

“As pessoas desde aque-

Goiânia foi a terceira cidade no Brasil a receber um planetário

O Planetário da UFG foi inaugurado no dia 23 de outubro de 1970

O planetário fica na Av. Contorno, nº 900, Parque Mutirama, St. Central





la época se maravilham com o que vêem aqui, porque o realismo é muito grande. Esse projetor mecânico, que é alemão, possui uma projeção do céu muito próxima da realidade”, conta o profes-

sor do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da UFG, Paulo Henrique Azevedo.

Na verdade, planetário é o termo usado para descrever tanto o equipamento de projeção, quanto o local onde ele fica armazenado. Paulo Henrique explica que após a doação do equipamento pelo MEC, o reitor Professor Farnesi Dias Maciel Neto fez um acordo com a prefeitura para a construção da sede do planetário. “O terreno onde está instalado o Planetário

foi sedido pela prefeitura de Goiânia, enquanto o prédio foi construído pelo estado.”

O Brasil possui atualmente cerca de 35 planetários. O planetário da UFG abriga o projetor mais antigo do país. Eles podem ser utilizados para atividades acadêmicas, culturais e artísticas. Em Goiânia, além das sessões de projeção do espaço abertas a todo o público, o local é palco de oficinas e cursos de extensão gratuitos, como o de Movimentos da Terra e Reconhecimento do Céu.

Márcia Aparecida de Jesus é coordenadora da Escola Municipal Professora Mônica Tomaz. Ela conta que as visitas a locais como o planetário e o zoológico auxiliam no aprendizado das crianças e adolescentes. “Sempre que possível nós levamos os alunos para fazer um passeio ao planetário”, declara.

Por Lorena Ribeiro



# Os Jornalistas Esportivos da Rádio Universitária

*Alunos do curso de Jornalismo, que integram a equipe Doutores da Bola, têm a oportunidade de vivenciar a atuação do jornalista esportivo, uma das diversas áreas dessa profissão*

“Pra mim é excepcional. A equipe me surpreende a cada dia!” É esse o sentimento da professora Ione Chagas Rufino ao falar do seu trabalho como orientadora da equipe Doutores da Bola, da Rádio Universitária. Ione assumiu a função há um ano. Sob sua orientação, atualmente, cerca de 15 alunos do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Goiás trabalham na transmissão de

eventos esportivos, entre eles o futebol.

Oficialmente, a inscrição nos Doutores da Bola funciona como uma disciplina da Universidade. Como o curso de Jornalismo é semestral, a cada seis meses a equipe ganha novos integrantes, sendo que, aqueles que já fazem parte dos Doutores têm ainda a oportunidade de permanecer na equipe. Não há limite para a quantidade de semestres em que o aluno pode fazer parte dos Doutores. Em

geral, a maioria constrói uma pequena carreira, de um ou dois anos na equipe.

Apesar de funcionar como uma disciplina voltada para a prática, os alunos que realizam as transmissões esportivas encaram o trabalho com profissionalismo e, às vezes, até se esquecem que, ao final do semestre, receberão uma nota no extrato acadêmico. Até por que é, durante essas transmissões que, os

*1, 2, 3, 4, 5, 6, 7... funções diferentes!*

## **1** Auxiliar de plantão

O aluno faz rádio escuta e auxilia o plantonista da transmissão; ouve outras rádios e checa os resultados de jogos que estão acontecendo simultaneamente àquele que está sendo transmitido. O trabalho acontece nos estúdios da Rádio Unviersitária;

## **2** Plantonista

Trabalha em conjunto com o auxiliar de plantão. Também divulga o resultado dos jogos que estão acontecendo no momento da transmissão. A locução é de sua responsabilidade;



acadêmicos criam contatos e vínculos com aqueles que já atuam no mercado de trabalho - uma oportunidade única para conseguir, futuramente, um estágio em algum veículo de comunicação.

Rubens Salomão é um exemplo dessa realidade. Ele está nos Doutores da Bola há dois anos e garante que a experiência tem acrescentado muito. “Eu exijo o máximo dos Doutores pra mim. Tem gente que fica um ano, seis meses e sai. Eu acho que a equipe é uma fonte muito rica de improvisação e criatividade no jornalismo, que é o jornalismo esportivo e

que pode influenciar em qualquer outra área que você for trabalhar”.

Além da orientação da professora Ione Chagas, os Doutores possuem ainda um monitor, neste caso, um acadêmico do curso de Jornalismo que se destaca ou que está há mais tempo na equipe. Atualmente essa função é exercida por um aluno do sexto período, João Paulo Di Medeiros.

“O trabalho do monitor é um pouco diferenciado por que ele tem que exercer uma função dentro das funções que são estabelecidas dentro da transmissão e, ao mesmo tempo, precisa

gerenciar a equipe e cuidar bem dos detalhes. É responsabilidade do monitor também orientar os outros integrantes”, conta João Paulo.

“Além desse trabalho ‘no ar’, na produção da transmissão, o monitor precisa cuidar das funções burocráticas, como acertar o credenciamentos de todos os alunos, reservar a linha na qual será feita a transmissão, olhar a questão da cabine da Rádio Universitária no Serra Dourada, entre outras”, lembra. “É um trabalho que possibilita um grande aprendizado pra quem exerce essa função”, completa o aluno.

Por Luana Teles

### 3 *Repórter da Galera*

Traz informações sobre a torcida e entrevista as pessoas que estão no estádio;

### 5 *Repórter de campo*

A cada transmissão, dois alunos exercem essa função. Eles trazem informações dos times que vão jogar naquele dia; eles ficam no gramado do estádio;

### 7 *Narrador*

Descreve os fatos ocorridos durante o jogo que está sendo transmitido.

### 4 *Âncora*

Ele comanda a transmissão. Apresenta todo o programa e escreve o espelho (roteiro) da transmissão;

### 6 *Comentarista*

Faz a análise da partida e da competição esportiva. Geralmente essa função também é exercida por dois alunos;

# Cinema Latino invade o Campus

A produção cinematográfica da América latina parece ter conquistado espaço cativo em terras goianas. Festejando seu quarto ano de vida, o Festival de Cinema Universitário Latino Americano orgulha-se do pioneirismo em gestar e manter um evento cujo porte é comprovado pela presença de universitários e cineastas que saem de países vizinhos com o propósito de pensar cinema e, quem sabe, experimentar um pequi.

O festival é um projeto de extensão da Universidade nascido na Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia, mas que com o tempo conquistou voluntários de diferentes cursos. Totalmente realizado por mão-de-obra universitária, o Perro Loco reuniu alunos dispostos a levar adiante uma ideia coletiva. Nesse ano, mais de duzentos filmes foram exibidos e divididos em uma mostra competitiva e outra paralela.



*Fotos:  
Divulgação  
Perro Loco*

A estudante de jornalismo Paula Falcão, integrante da organização, aposta na capacidade única que tem o festival de ensinar a rotina profissional que almeja. “Aqui na faculdade, o Perro Loco é o único meio de aprender sobre assessoria de evento”, revela a estudante, que não limita as possibilidades de vivência as quais teve acesso. “Nós conseguimos trazer gente de fora, que vive pelo cinema. Isso cria condições de intercâmbio não só lingüístico, mas cultural”, revela, toda sorridente.

As atividades do Perro Loco não se restringem aos filmes, convidando o público a participar de oficinas, palestras, rodas de conversa e animadas festas que dão vida às noites do campus. A jornalista Jane Barros, aluna da oficina sobre Novas Mídias, revela que tudo o que aprendeu com o Perro não limitará àqueles dias. “Temos projetos de fazer curtas [metragens] com as ferramentas que conhecemos aqui”, confidencia.



# Bolinhas de gude na Universidade

*O campus II da Universidade Federal de Goiás recebeu o grupo Corpos Informáticos para a realização de apresentações artísticas*

Arte performática como poucas vezes vistas. Esqueça os grandes cenários, as performances polêmicas ou aquelas cenas difíceis de compreender. A proposta criada pelo grupo Corpos Informáticos pretende unir dois momentos distintos da aprendizagem humana, quase opostos. A princípio, a juvenil e eterna bolinha de gude. Em seguida, o arrojo da tecnologia digital. Esses são os elementos que compõem a performance cujo título traz algumas dezenas de sinônimos para a tradicional bola de gude. A Facul-



dade de Artes Visuais trouxe à sua galeria no campus II da Universidade Federal de Goiás (UFG) a apresentação coordenada pela professora Bia Medeiros da Universidade de Brasília (UNB).

Nomes como guileta, baleba, bilosca e bila podem soar estranhos à maioria dos ouvidos, mas, acredite, essas são formas pelas quais a bola de gude é

tratada em outras regiões do país. Esse caráter universal que a brincadeira possui motivou Bia Medeiros a procurar transformar a percepção que todos têm do jogo. “Convidamos o público para participar, jogando bolinha de gude, e a medida que tudo vai se desenrolando, interfaces computacionais geram um vídeo e um som diferenciado de acordo com o que acontece”, explica a professora



que diz “pensar que corpo é esse nesse mundo tecnológico”. A iniciativa nasceu como projeto de pesquisa e extensão. “Tivemos apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), passamos por um processo seletivo aqui da FAV e conseguimos trazer nossa apresentação para Goiânia”.

Aqui, quem acreditar que todo esse esforço resume-se a uma brincadeira descontraída de bola de gude pela manhã, estará incorrendo em grave engano. Na verdade, todos os participantes integram um complexo arranjo tecnológico cuja função é a de captar cada segundo de movimento e transformá-lo em vídeo-arte que é, posteriormente, disponibilizada na internet. Segundo Medeiros, a proposta desse projeto coletivo é fazer com que as pessoas abandonem seus locais confortáveis das apresentações convencionais e que se tornem promotores da própria arte.

A brincadeira-performance, que nos remete aos períodos da infância, adquire novos contornos com a interação dos participantes-jogadores, as bolinhas de gude e os apar-

atos digitais, como computadores, projetores (que denunciam, nas paredes da galeria, tudo o que acontece naquele espaço) e aparelhos de som capazes de captar todos os ruídos e convertê-los em novas experiências para os participantes.

A estudante de Artes Visuais, Angélica Queiroz, mostra-se maravilhada com a iniciativa. “Isso aqui para mim é uma diversão. Mas é mais, porque além de nos remeter a algo lúdico, permite que a gente veja a arte se desenhando, com os sons e as imagens sendo geradas em tempo real”, diverte-se. A estudante ainda reflete sobre a atmosfera, pouco comum em uma universidade. “Um momento como esse nos tira da correria do dia a dia e nos faz reparar num lado mais sensível, mais atento aos pequenos momentos de felicidade”.

Por Renato Dantas



A coordenadora da Galeria FAV, professora Selma Parreira, apesar de se entusiasmar com um público eufórico e participativo lotando os espaços da apresentação, lamenta o pouco interesse de grande parte do corpo estudantil por performances e outras propostas de expressão artísticas. “O público da nossa galeria ainda é, na maioria, os alunos de arte. Apesar dos nossos esforços convidando e divulgando as atividades da Galeria, outros cursos ainda demonstram resistência em comparecer e se deixar levar pelo novo”.

# Radiodifusão pública e o caso TBC

Goiás na agenda da democracia brasileira em relação à comunicação

Por Luiz Signates

Muito se fala, a favor ou contra, mas pouco se sabe o que vem a ser uma emissora pública.

O assunto foi intensamente debatido, na rede social Twitter, durante a última semana do segundo turno das eleições 2010, em Goiás, logo após o jornalista Paulo Beringhs ter se demitido no ar, na TV Brasil Central (TBC), em protesto contra a censura que estaria sofrendo da Agência Goiana de Comunicação (Agecom) com e, por tabela, do grupo que apoiava Iris Rezende, então candidato do PMDB ao governo goiano.

Em pleno conflito das posições eleitorais, já que o fato se deu no auge da campanha, marconistas protestaram contra a censura, enquanto iristas respondiam, denunciando a filiação partidária de Beringhs ao PSDB.

Em meio ao fogo cruzado, um grupo de internautas, a maioria dos quais com vinculação profissional na comunicação, fez emergir o debate sobre o que vem a ser uma emissora pública e, por conseguinte,



qual seria a natureza específica da TV Brasil Central.

O que define, afinal, uma emissora pública? O mais comum é defini-la a partir do significado jurídico, neste caso, em justaposição ao conceito de emissora estatal. Para esta interpretação, a emissora pública seria aquela que pertencesse ou fosse gerida pelo Estado.

Esta não é – ou, pelo menos, não deveria ser – uma definição de todo incorreta, pois, em princípio, não pode haver nenhuma instituição mais pública do que o Estado. Mesmo em países como o Brasil, ex-colônia europeia,

cuja cultura política foi a do Estado imposto, fundado antes da nação e, portanto, como espoliador e inimigo. Embora a democracia seja bastante recente por aqui, já é tempo de se pensar a instituição estatal como servidora e garantidora daquilo que a todos pertence: o bem público.

Uma emissora estatal de rádio e televisão, portanto, é – ou, no mínimo, deve ser – pública por definição e natureza.

Infelizmente, nem sempre é assim que acontece. A fragilidade do marco regulatório brasileiro para a radiodifusão propicia a existência, contraditória e absurda, da emissora estatal que funciona como empresa privada.

Este é o caso típico do sistema de rádio e televisão Brasil Central, em Goiás. Concessão pública, a radiodifusão não deveria ter outra finalidade. Mas, tem. O canal da TBC é privado, ou, na linguagem usual, é “comercial”, embora quem o possua seja o governo do Estado de Goiás. A análise de sua natureza jurídica conflituosa já é, por si

só, um caso digno de estudo.

A emissora estatal goiana fatura comerciais e tem renda própria, junto às empresas da região, ao mesmo tempo em que se fundamenta numa estrutura inteiramente governamental, com seus funcionários de carreira e cargos comissionados – que, a cada governo novo, viabilizam a festa dos profissionais de comunicação que apoiaram o candidato sufragado durante a campanha eleitoral. O programa conduzido por Paulo Beringhs, por exemplo, era garantido por um contrato privado, mediante o qual o Estado pagava à empresa do jornalista para que o mantivesse no ar.

Entre o estatal e o comercial, torna-se problemático definir até que ponto esse sistema de radiodifusão é público. Isso porque não basta a sustentação estatal para garantir sua natureza pública: seria preciso que público fosse seu funcionamento e seus efeitos comunicativos.

Até porque, rigorosamente falando, todas as emissoras, mesmo as mais indiscutivelmente privadas, dependem, às vezes, completamente, de verba pública. O Estado é o maior, senão o único cliente importante, da maioria absoluta do sistema de radiodifusão e jornalismo de Goiás.

A questão, portanto, é: quais os elementos defi-

nem o sentido do público, aplicado este conceito à comunicação, e, mais especificamente, à radiodifusão?

Há um quatrilhão, que vem sendo utilizado para definir as categorias de análise da condição pública, nas emissoras de rádio e televisão: a sustentação estatal, a gestão democratizada autônoma, o controle social e o conteúdo programático de interesse público.

A sustentação estatal é a garantia de que a emissora não terá que se submeter ao interesse privado, para sobreviver. Entretanto, como se vê em Goiás, no sistema Brasil Central de radiodifusão, isso está longe de ser suficiente.

É preciso mais: a emissora pública deve ser gerida de forma democrática e autônoma, em relação a seu próprio mantenedor, o Estado. Democracia no sentido de que seus dirigentes possam ser eleitos, por um conselho fortemente integrado pela sociedade civil, tenham mandato e sejam capazes de exercer tais funções sem a ingerência política do próprio governo. Essa condição, no sistema Brasil Central, por exemplo, impediria que a organização de comunicação se prestasse a cabide de emprego de cabos eleitorais, após as eleições.

Além disso, deve haver controle social. A permanência de ombudmen e de conselhos de programação

formados por profissionais de comunicação, pela sociedade civil e por representantes dos públicos conectados seria o fundamento da garantia da democracia, no bojo da organização.

E, por fim, o resultado, aquilo que seria de se esperar de qualquer concessão pública, mas que, numa emissora pública, constitui a sua própria razão de ser: os conteúdos programáticos voltados para o interesse público.

Em outras palavras, cidadania como pauta obrigatória e permanente, e cada vez mais profunda relação cidadã da mídia pública com a sociedade. Eis o debate contemporâneo, pelo qual a comunicação se insere de modo vigoroso, na perspectiva da consolidação da democracia no Brasil.

**Luiz Signates** é professor adjunto do Curso de Jornalismo e da linha de pesquisa em Mídia e Cidadania, do Mestrado em Comunicação da Facomb/UFG. É também coordenador do Núcleo de Pesquisas em Cidadania, Comunicação e Política – NPCP/UFG e Diretor Geral da Rádio Universitária/UFG.

# Agenda UFG

## *MÚSICA NO CAMPUS*

Apresentação: Leila Pinheiro, Nelson Faria e Banda Pequii

Local: Centro de Cultura e Eventos da UFG, campus II

Data: 16 de novembro

Horário: 20h

Ingressos: R\$ 20,00 (inteira) e R\$ 10,00 (meia)

## *MOSTRA DO TERROR E DO FANTÁSTICO*

Local: Cine UFG

Data: 8 a 19 de novembro

Horários: sessões 12h e 17h30

Ingressos: R\$ 6,00 (inteira) e R\$ 3,00 (meia)

## *II ROCK LETRAS*

Apresentação: Homenagem aos Beatles

Local: Faculdade de Letras e DCE Campus I

Data: 03 e 04 de dezembro

Horário: a partir de 19h30min

Ingressos: R\$ 20,00 (passaporte) e R\$ 15,00 (dia)

## *BALÉ DO CINQUENTENÁRIO DA UFG*

Apresentação: Homenagem aos Beatles

Local: Centro de Cultura e Eventos da UFG, Campus I

Data: 04 de dezembro

Horário: 21 horas

Ingressos: R\$ 50,00

*E você...*

*Quarta-Feira, 19h  
Sábado, 16h  
Domingo, 15h30  
Canal 14, UHF*

# PAZ QUÊ?



*facebook/  
Assessoria Comunicação Frtve*

*youtube/TVUFGcanal14*

*twitter/@tvufg*

*orkut/TVUFG*

*www.rtve.org.br*



*Você também encontra  
o GIRO na internet*

*[www.ufg.br/giroufg](http://www.ufg.br/giroufg)*

*ou*

*na TV UFG, canal 14!*

**PARTICIPE!**